

UMA CRONISTA E SUA “SENSIBILIDADE PAISAGEIRA”

Maria de Nazaré Barreto Trindade¹

Resumo

Esse artigo desenha um diálogo entre as categorias teóricas memória e paisagem e o conjunto de crônicas da escritora paraense Eneida de Moraes- *Aruanda* e *Banho de Cheiro*. A ideia é destacar as crônicas discutindo como a autora rememora a paisagem cultural da sua cidade de nascimento Nossa Senhora de Belém do Grão Pará, fazendo um percurso por uma cidade do passado, e mostrando também o seu processo dinâmico de transformação, lugar de onde emergem cultura, tipos humanos, estórias, lendas, enfim, um rico e vasto inventário da cidade onde a escritora nasceu e viveu até os 27 anos, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Assim, a discussão teórica vai sendo tecida e imbricada com os excertos da obra literária, deste modo, assinala-se no decorrer da análise as categorias teóricas: memória e paisagem com base em discussões atuais realizadas nos campos da antropologia, da sociologia e da geografia. Os seguintes autores compõem a análise teórica: Paul Ricouer, Pierre Sansot, Halbwachs, Ecléa Bosi, Cosgrove, Carmem Figueiredo entre outros.

Palavras-chave: Memória; Paisagem; Cultura; Belém; Crônicas.

1. INTRODUÇÃO

Todos moram em Aruanda, terra livre e bela, capital de sonhos, ambições e desejos. Que importa nela vivam também cobras, se ali cantam os sabiás? [...] Aruanda é o país que sempre trazemos dentro de nós, país de Liberdade e de Paz, país sem desigualdades nem ódios, sem injustiças ou crueldades, país do amor sonhado por todos os homens.

¹ Graduada em Matemática e Letras- Língua Portuguesa com Mestrado em Estudos Literários pelo PPGL/UFPA. Doutoranda em Antropologia Social – PPGA/UFPA. E-mail para contato: moaraufpa@hotmail.com.



A epígrafe retirada do livro *Aruanda* da escritora paraense Eneida de Moraes² nos dá bem a ideia do lugar de onde fala a narradora – o lugar de onde emerge as suas lembranças, a rememoração de fatos, signos da vida, seja ela amena, como a presença do sabiá, seja ela agressiva e forte como na presença das cobras. Nas páginas de *Aruanda* e *Banho de Cheiro* encontramos estes momentos, de ida e retorno desse país da memória, lugar da infância evocado pela narradora, Aruanda, capital de Angola emerge como símbolo desse devir humano das terras de África, lugar de saída e chegada, segundo Carneiro no prefácio do livro “*Aruanda, Aluanda, Luanda* é [...] região de Paz que se transformou para o negro em Terra Prometida” (s/p). Neste passeio o olhar memorialista da cronista vai construindo para o leitor uma paisagem da cidade de Belém das primeiras décadas do século XX, auge e posterior queda da riqueza resultante da extração da borracha na região e, como a cidade vai se transformando num processo onde cabe a civilização, mas também seus antagonismos.

2. ARUANDA E BANHO DE CHEIRO: MEMÓRIA E PAISAGEM

Segundo Paul Ricouer, dizemos indistintamente que nós representamos um acontecimento passado, ou que temos dele uma imagem, que pode ser quase visual ou auditiva (2007: 25). É essa imagem invocada pela narradora de *Aruanda*:

Quando foi mesmo que ela chegou pela primeira vez a meus ouvidos, não sei. Era apenas uma palavra, mas trazia um cheiro violento de terra e de liberdade, gosto de fruta madura, uma palavra apenas, porém usando paladar e olfato. Pés se arrastavam, corpos dançavam, vozes cantavam e ela vinha clara e sonora, não se explicando nem definindo, mas evocando lembranças, saudades, passado, distante país, tempos idos, infância, mocidade, vida vivida (Moraes 1989: 23).

Para Ecléa Bosi (2009: 81) “Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia”. Eneida empreende esse trabalho, localiza o leitor em um tempo e espaço, tece nas crônicas, com detalhes, fatos de sua vida mostrando uma Belém rica, tranquila, cheia de encantos aos olhos deslumbrados de uma criança, mas também de um forte pendor político e social, como aparece aqui quando se refere à fome dos que não tem o que comer:

Um vento muito suave, muito sereno, ia mexendo com as mangueiras que arborizam a cidade, vento bom, amigo dos pobres, derrubando mangas que suavizam a fome dos que não têm o que comer; [...] Meu estado tão amado parecia calmo, plantado ali [...] (Moraes 1989: 213-214).

Sobre paisagem, Carmem L. N. de Figueiredo em artigo publicado na revista “Estudos literários Terra Roxa” argumenta que é um dos signos mais fortes da invenção brasileira e que o registro desta paisagem é realizado por meio de uma memória coletiva, entendida aqui nos termos de Halbwachs como aquela que acentua as funções positivas desempenhadas pela

² Eneida Vilas Boas Costa de Moraes, escritora e jornalista paraense, nasceu em Belém, Filha de Guilherme Joaquim Costa e de Julia Vilas Boas nasceu no dia 23 de outubro de 1903 e morreu em 27 de abril de 1971. Foi militante do Partido Comunista Brasileiro.



memória comum e reforça a coesão social por uma espécie de adesão afetiva ao grupo. Essa memória coletiva cria “uma rede de códigos culturais para a percepção da paisagem, uma tradição construída por um vasto conjunto de lembranças, mitos e lendas que, além de acompanhar extensos períodos da história social, também molda instituições e valores” (2002: 27). E, ainda, amplia a discussão de paisagem no sentido de que ela conforma uma identidade, cultural e social – categorias imbricadas na obra de Eneida de Moraes e que salta das crônicas de *Banbo de Cheiro*, como no excerto: “Tacacá com camarões boiando em tucupi e a goma escura pondo manchas sobre o amarelo como uma pintura abstrata; tacacá fumegante e cheiroso passando das mãos da cabocla para outras mãos de pele cor de cobre ou de chocolate derramado” (1989: 222). Memória que traz o cheiro e que produz uma iconografia de um alimento típico da cidade – o tacacá.

Pierre Sansot (1983) citado por Silveira (2009: 78) afirma que: “A paisagem [...] se “atmosferiza” e vibra, revelando sensações (sonoras, táteis, gustativas, visuais, olfativas) que, numa emoção única envolvem o humano num processo de estetização do mundo, tendendo assim, a misturar-se ao ser configurando certa indistinção entre ambos”. As crônicas de *Banbo de Cheiro* têm o poder de criar, imagetivamente, a memória dos cheiros que percorrem a cidade: dos jasmims-bogaris nos jardins, do cheiro do tacacá, do cheiro das frutas: cupuaçu, bacuri, pupunha, taperebá, umari, uxi, entre outras.

Como parte dessa paisagem evocada pela narradora há a mangueira, a velha mangueira, “única árvore que, pela imponência e dignidade do porte, merecia nosso respeito” (Moraes 1989: 51). Silveira discorre sobre a interação ser- humano/ paisagem, paisagem imbricada. Em sua perspectiva, e trazendo para a discussão as ideias do geógrafo Daniel Cosgrove (2009: 73) argumenta que “O homem simultaneamente representa e é a paisagem. A questão implica o fato de que, ao mesmo tempo em que a ideia (sic) de paisagem emerge dele enquanto fenômeno humano e, portanto, estético – e coexistência criativa entre imagens e sentimentos”.

Figura 1- Foto de Luiz Sepeda - Ver-o-Peso

Quando retorna a Belém encontra uma cidade onde grassa profundo desequilíbrio social, e a cidade envelheceu antes dela. Apesar de “terem nascido juntas, crescido juntas” a narradora sente que a sua cidade envelheceu sem dignidade. Mostra desapontamento e tristeza em face das transformações na arquitetura urbana, a cidade acompanha o crescimento. “Hoje minha cidade foi invadida pelos bangalôs e os arranha-céus e isso me entristece. Ela é uma das capitais características do Brasil.” (Moraes 1989: 217). A *paisagem* do Ver-o-Peso é pintada com ares poéticos “O Ver-o-Peso manchado de velas de tôdas (sic) as cores” (1989: 218), que trazem dos mais diversos pontos do Estado peixe e frutas para abastecer a cidade.



Figura 2- Foto de Rafael Sales. Ervas e banhos do Ver-o-Peso.



Hábitos e práticas culturais próprios da região amazônica são trazidos para o texto, demonstrando, sobretudo, crenças no poder curativo e mágico dos vegetais, que segundo a autora servem para preparar o banho da felicidade, o verdadeiro banho “chêro cheroso” tomado no mês de junho no dia de São João. Prática centenária, até hoje utilizada pela população de Belém. Ritual de preparar o banho milagroso, que ajuda a unir casais, atrai dinheiro, abre caminhos e cura doenças, abrir as portas das venturas. Narradora com um olhar minucioso e crítico vai dizendo sobre as ervas utilizadas no banho da felicidade da época junina – São João. Eis as plantas necessárias ao banho da felicidade:

[...] catinga de mulata, manjerona, bergamota, pataqueira, priprioca, cipó catinga, arruda, cipoeira, baunilha (só uma fava) e corrente. Deixai ferver e ferver muito. Depois - ah depois... - deixai esfriar e está pronto o vosso banho de São João, que deve ser tomado à meia noite de 23 de junho para abrir as portas de tôdas (sic) as venturas. São João ajudará. (Moraes 1989: 70).

E ainda, faz questão de ressaltar que é um hábito que compõe uma memória social, portanto coletiva e se inscreve numa tradição herdada possivelmente dos primeiros seres humanos que aqui habitaram: “Nossos aromas, primitivos, agrestes, são frutos da floresta e, com eles, naturalmente nossos avós índios também se perfumavam; se não recendiam aquele odor, é porque- sabeis – os índios tem cheiro de terra” (Moraes 1989: 70). Em *Banho de Cheiro* a visão política da narradora é retomada nas crônicas que rememoram os tempos sombrios do Estado Novo, quando da prisão de Eneida, mostrando a ampliação de visão política e sua trajetória de vida e inserção no movimento social da época.

Com isso (in) conclui-se o diálogo que se teceu entre a obra de Eneida e as categorias da memória e da paisagem. Pode-se dizer que o pendor autobiográfico das obras faz saltar do texto paisagens que são a um só tempo, humanas, sociais, culturais, e ainda com uma forte referência política. Essas *variações paisageiras* cuja dialeticidade está presente nas diferentes formas como a autora evoca a memória e traz para o texto uma poética da cidade rememorada em cores e cheiros.

Referências

- Bosi, Ecléa. 2009. *Memória e Sociedade*. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras.
- Castro, Demian G. 2011. Significados do conceito de paisagem: Um debate através da epistemologia da Geografia, UERJ.
- Cosgrove, Denis. 2003. *A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas*. In: Corrêa, Roberto Lobato.; Rosendahl, Zeny. (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. (1): 92- 123. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.



Eckert, Cornélia; Rocha, A.L.C. da. 2000. Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração. In: Kouri, Mauro G.P. (Org.) *Imagem e memória: estudos em antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamound.

Figueiredo, C. L.N. de. 2011. Crítica À Invenção Do Brasil: Paisagem, Identidade, Literatura. In: Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, (2): 26-42 – UERJ. Disponível em: <<http://www.uel.br/cch/pos/letras/terra-roxa>>.

Moraes, Eneida de. 1989. *Aruanda e Banho de Cheiro*. Lendo o Pará. SECULT/FCPTN.

Santos, Eunice Ferreira dos. 2008. Nas Tramas da memória: a cronista e militante Eneida de Moraes. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea: Literatura e gênero*. n.32, Brasília, julho/dezembro.

Silveira, F.L.A. & Cancela, C.D. 2009. *Paisagem e Cultura: Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade*. UFPA: EDUFPA.

Ricouer, Paul. 2007. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp.

